

siastas do ensino e da cultura. Entretanto, entendo que tôdas as atenções do Estado, neste momento, devem se voltar, primeiramente, como o Estado o faz, para o ensino primário, alfabetização de adultos e, principalmente, para o ensino técnico profissional.

Entendo mais, que no momento em que o Brasil luta com a falta de técnicos, de pessoas entendidas em dominar tecnicamente o trabalho, êste é o momento, Sr. Presidente, em que deveríamos cogitar da formação de técnicos e relegar para um plano secundário a criação oficial de Universidades, porque, Sr. Presidente, segundo soube, a Universidade de São Paulo ainda não preencheu todos os seus claros e, se o nosso objetivo é favorecer as populações do Interior, mormente os estudantes pobres, então, que o Estado crie bôlsas de estudos, para que os moços do Interior possam vir estudar na Capital.

É êsse o meu ponto de vista, Sr. Presidente, para mostrar que eu, particularmente, me interessaria mais pelo ensino primário, secundário, normal e, principalmente, pelo ensino técnico-profissional, relegando para segundo plano a criação de Universidades.

Já disse que o meu voto é favorável ao Projeto n.º 10, ou substitutivos, porém, a Casa é que terá de decidir sobre a criação ou não dessa Universidade. Entretanto, gostaria de deixar bem claro o meu pensamento, de que o momento requer, acima de tudo, a criação e difusão do ensino profissional.

Não há nação que subsista, sem que os seus trabalhadores, os seus operários, dominem científica e tecnicamente o trabalho. Isto é importante. A produção está intimamente ligada à técnica aplicada, principalmente à indústria e à agricultura.

Êste é o momento de se formar um intermediário entre o técnico número um, que é o engenheiro, e o simples obreiro de uma fábrica. Êsse intermediário é sempre técnico, o estudante que recebeu num diploma de ensino profissional, a habilitação para o exercício desta ou daquela profissão.

Portanto, votamos favoravelmente ao projeto, ou aos substitutivos, porque jamais votaríamos contra a criação de Universidades, em hipótese nenhuma. Embora votando nesse sentido, queria deixar bem claro o meu pensamento de que tudo devemos fazer para o ensino, principalmente, para o ensino técnico-profissional.

O meu trabalho pessoal, o meu trabalho na Comissão de Educação e Cultura, o meu trabalho nesta tribuna, naquilo que se refere à educação, será sempre nesse sentido, porque o Brasil aspira, acima de tudo, à formação de técnicos, para melhorar, aprimorar e incentivar a sua produção.

Era o que tinha a dizer. (*Muito bem! Muito bem!*) (*Palmas*)

O SR. MARIO SCHENBERG — Sr. Presidente, Srs. Deputados.

Em nome da minha bancada, venho trazer nossa contribuição para a discussão do problema das Universidades. Nós somos favoráveis à criação de Universidades em cidades do Interior, mas quer nos parecer que alguns elementos essenciais do problema não foram devidamente postos em foco.

É certo que as Universidades, de um modo geral, visam, principalmente, formar especialistas em várias profissões. Mas, além dêsse, há aspectos muito importantes, que não foram postos em foco até agora. Os institutos de ensino superior, são também centros de estudos. Se examinarmos as maiores Universidades do mundo, sobretudo as dos grandes países, veremos que, quanto mais importante fôr a Universidade, maior será o número relativo de professôres. Em muitas delas, o número de professôres é quase igual ao dos alunos. É certo que, à primeira vista, poderia parecer que não há razão para isso, mas, realmente, trata-se de uma cousa muito importante e bem justificada, como passaremos a demonstrar. Os professôres, além das funções didáticas, são também especialistas, que devem realizar estudos e pesquisas nos vários ramos do conhecimento humano.

O fato de haver Universidades representa, sem dúvida, uma forma de contribuir para o desenvolvimento dos estudos. Esse é o ponto de vista que prevalece nas grandes Universidades dos países mais adiantados do mundo. Procura-se manter o maior número possível de professores, não tanto por necessidade de ensino, mas, exatamente, para subvencionar um grande número de pesquisadores e de estudiosos, nos vários ramos das ciências, da filosofia e das artes. A formação de Universidades do Interior atenderá às necessidades dos alunos.

Essas necessidades existem e foram reconhecidas por todos os nobres colegas, que se referiram ao assunto. Há muitos estudantes de São Paulo que precisam ir a outros Estados, porque aqui não encontram vagas, o que se observa, particularmente na Escola Politécnica. O mesmo acontece, também, com outras escolas. De modo que o problema dos alunos é muito importante. Mas, além d'êste, há o problema de favorecer a pesquisa científica, que exige um grande número de Universidades, com professores que a ela se dediquem.

Esse é um dos aspectos que não foram discutidos pelos vários nobres oradores que se ocuparam da questão das Universidades no Interior e é, sem dúvida, da maior importância. Não podemos, de maneira alguma, subestimar a importância da pesquisa científica nos dias que correm.

Portanto, a criação de Universidades no Interior, servirá para atender, em parte, a essa necessidade dos estudos, contribuindo para a criação de lugares para os pesquisadores científicos. A situação da União Soviética é excepcional, dêsse ponto de vista. Na União Soviética, existe uma Academia Nacional de Ciências, que planeja tôda a pesquisa científica, aliás, entrosada com o plano geral de produção, o plano quinquenal. Essa Academia mantém equipes numerosas de cientistas que se dedicam a pesquisas, sem terem, necessariamente, encargos de ensino. Essa é, porém, uma situação especial, que só encontraremos na União Soviética, onde se torna possí-

vel, em virtude de planificação socialista. Nos países capitalistas, em geral, tal não acontece. Nesses países, a pesquisa científica é feita por professores universitários ou por técnicos, que trabalham nos laboratórios mantidos pelas grandes emprêsas. Aqui no Brasil, as grandes emprêsas não têm laboratórios, de modo que todo o pêso da pesquisa científica, tôda a responsabilidade pelos estudos especializados, recai em última análise, sôbre os professores universitários. É um aspecto extraordinariamente importante do problema, que não pode deixar de ser levado em conta.

Há outro problema igualmente importante e que também não tem sido considerado em nosso país: o auxílio do Estado aos estudantes pobres, por meio de bôlsas. Aliás, o nobre Deputado Gabriel Migliori acaba de se referir a êsse problema. Quero, no entanto, examiná-lo com maior minúcia e citar alguns exemplos de outros países.

A manutenção dos estudantes pobres por meio de bôlsas seria facilitado com a criação de Universidades em cidades pequenas. Sei que, se formos levar em consideração que a maioria dos estudantes tem que trabalhar para ganhar a vida, sem dúvida alguma concluiremos que os grandes centros como São Paulo, são os preferíveis para a localização de estabelecimentos de ensino superior, porque os estudantes têm maiores probabilidades para conseguir empregos em São Paulo que numa cidade do Interior. Mas, já é tempo de o Estado intensificar a concessão de bôlsas aos estudantes pobres. Essas bôlsas não devem ser concedidas esporadicamente, como se faz agora. Segundo o ponto de vista da Bancada Comunista, elas devem ser concedidas no maior número possível, às centenas e até aos milhares, para que os estudantes das classes menos favorecidas, os estudantes de origem camponesa ou proletária, possam ingressar nas nossas Universidades.

Se considerarmos atentamente o problema da concessão de bôlsas, veremos logo que há grande vantagem na criação de Universidades no Interior, onde

o custo de baixo que 1 em muito, a dantes subv riam ser en sidades do sem viver c riam numa

É êsse ou exige, realn sidades no cordar, que uma tradiçã Universidad exemplos sã nas o caso (até há pou universitári da presença cientistas, é cidiram ins Princeton. vivia em fu que tem po todos os ser lá estive, ê alcançado. da metade já recebia aqui. O Es tomado tant so do Brasi culdades en fôsse subve; tuições com latinos, com muito bem de Piza, na eram bolsist também po onde os estu bôlsas. Seri democrática continuasse mo tem sic Os estudan abastada, l dades. Gra paulistas q culdades de para se ber relação à fr to de todos

o custo de vida é sensivelmente mais baixo que na Capital. Isso facilitaria, em muito, a tarefa do Governo. Os estudantes subvencionados por bolsas poderiam ser encaminhados para as Universidades do Interior onde, talvez pudessem viver com a metade do que precisariam numa cidade como São Paulo.

É esse outro aspecto importante e que exige, realmente, a criação de Universidades no Interior. Quero, aliás, recordar, que nos países anglo-saxônicos, é uma tradição multiseccular a fundação de Universidades em cidades pequenas. Os exemplos são inúmeros. Quero citar apenas o caso de Princeton. Princeton foi, até há pouco, uma cidade puramente universitária. Ultimamente, em virtude da presença de um grande número de cientistas, é que algumas indústrias decidiram instalar seus laboratórios em Princeton. Mas, inicialmente, Princeton vivia em função da sua Universidade, que tem por objetivo conceder bolsas a todos os seus alunos. Na época em que lá estive, esse objetivo ainda não fôra alcançado. Recordo, porém, que cerca da metade dos alunos da Universidade já recebia bolsas. Isto pode ser feito aqui. O Estado de São Paulo, que tem tomado tantas iniciativas para o progresso do Brasil, deveria também criar Faculdades em que a maioria dos alunos fosse subvencionada com bolsas. Instituições como essas já existem em países latinos, como a Itália e outros. Conheci muito bem a Escola Normal Superior de Piza, na Itália, onde todos os alunos eram bolsistas. O Estado de São Paulo também poderia ter escolas superiores, onde os estudantes já ingressariam com bolsas. Seria uma iniciativa nitidamente democrática, que evitaria que a cultura continuasse um privilégio de classe, como tem sido, infelizmente, no Brasil. Os estudantes que não são de origem abastada, lutam com enormes dificuldades. Grande parte dos estudantes paulistas que se matricularam em Faculdades de outros Estados, o fizeram para se beneficiarem da tolerância em relação à frequência. É do conhecimento de todos que muitas dessas escolas

não exigem frequência de seus alunos. Os estudantes paulistas nelas inscritos são, assim, forçados ao auto-didatismo. Só vão ao Rio de Janeiro, a Niterói e a outras cidades, na época dos exames, com graves prejuízos para a sua formação profissional. Situação tão danosa poderia ser sanada com a criação de Universidades no Interior e a concessão de grande número de bolsas, pelo Governo e por particulares.

Quero observar que esse plano nada tem de utópico. Suponhamos, por exemplo, que numa Universidade do Interior houvesse mil estudantes, cada um recebendo uma bolsa de quinhentos cruzeiros por mês. Isso representaria uma despesa mensal de quinhentos mil cruzeiros para o Estado ou sejam, seis milhões de cruzeiros por ano, despesa nada exorbitante e que permitiria a mil estudantes pobres se dedicarem ao estudo superior, com grande eficiência.

Esse é o segundo aspecto benéfico da criação das Universidades no Interior. Há um terceiro aspecto, que parece não ter sido devidamente considerado pelos oradores que ocuparam a tribuna. É o próprio conceito de Universidade.

Aparentemente, muitos dos Srs. Deputados pensam que, quando se fala em Universidade se tem em vista uma Universidade com o número de escolas que possui a nossa Universidade de São Paulo. Não se justifica tal opinião. Uma Universidade não precisa ter tôdas as escolas que existem na Universidade de São Paulo. Basta recordar que, no Brasil, nenhuma Universidade é tão completa como a nossa Universidade de São Paulo, a maior da América Latina.

Aliás, o número de institutos é extremamente variável. Há algumas, como a célebre Universidade de Paris — a Sorbonne —, que tem cerca de 40 escolas. Talvez nenhuma outra Universidade do mundo tenha tantas escolas como a de Paris. Há Universidades com poucas escolas.

Não se deve entender que, criada uma Universidade no Interior, deva ela ter o mesmo número de escolas, que tem a Universidade de São Paulo.

Quero fazer algumas considerações sobre as Universidades dos outros países, para mostrar como elas cresceram. Farei, de início, algumas considerações históricas sobre a origem das Universidades.

A primeira Universidade, de tipo moderno, se desenvolveu em Salerno, na Itália, no século XII. Esta Universidade começou com uma Faculdade de Medicina. Como é sabido, Salerno foi o centro inicial do estudo de medicina na Idade Média.

Há Universidades que se desenvolveram a partir de Faculdades de Medicina. Outras, como a clássica Universidade de Bolonha, que data do século XII, formaram-se em torno de Faculdades de Lei, isto é, de Faculdades de Direito. A tradicional Universidade de Paris, também fundada no século XII, parece ter se constituído em torno duma escola de teologia, pois funcionava na ilha da Cité, ligada à Catedral de Notre Dame.

Poderia citar vários outros exemplos de Universidades, que começaram com uma ou poucas escolas. Mesmo aqui no Brasil sabemos que as Universidades começaram com determinadas Faculdades. Em São Paulo; o núcleo originário foi a Faculdade de Direito; em Recife, o mesmo se deu. No Rio de Janeiro, se não me falha a memória, a Universidade começou com a Escola Politécnica e a Faculdade de Medicina.

De modo que não há razão alguma para se exigir que as Universidades do Interior, para sua instalação, já tenham vinte ou trinta institutos. Pode-se começar com uma única escola, e, paulatinamente, criar outras.

O Governo do Estado apresentará um plano para a instalação e o desenvolvimento das Universidades, e esta Casa, posteriormente, poderá legislar sobre o assunto, estudando, no caso de cada Universidade, quais seriam as melhores escolas iniciais. Assim poderemos atender às deficiências da Universidade de São Paulo, e também às conveniências das localidades em que forem instaladas Universidades. Para começar, poderemos instalar uma Faculdade de Agro-

nomia numa cidade, ou uma de Engenharia, noutra.

De modo que o problema poderá ser tratado com os recursos de que o Estado dispõe, porque não se trata, logo de início, de instalar uma Universidade com as proporções da Universidade de São Paulo.

Outro argumento que tem surgido, é o de que o Estado já mantém a Universidade de São Paulo. Esse argumento, a meu ver, não tem, absolutamente, valor algum. Quero citar alguns fatos, que mostram a insuficiência da Universidade mantida pelo Estado, na Capital. Temos aqui a Faculdade de Medicina, da Universidade de São Paulo, e também a Escola Paulista de Medicina; temos a Escola de Engenharia, do Mackenzie, além da Escola Politécnica.

Temos a Universidade Católica, em pleno desenvolvimento. Aliás, consta que, em torno do Mackenzie, formar-se-á uma Universidade Protestante. Aqui, nesta cidade de São Paulo, haverá, dentro de período relativamente curto, três Universidades em funcionamento.

O Sr. Ulysses Guimarães — Lembra-ria a V. Exa. a Universidade Popular, também existente em São Paulo, e com magníficos resultados.

O SR. MARIO SCHENBERG — Agradeço o aparte de V. Exa. Realmente, há também a Universidade Popular. Portanto, a oportunidade para o seu funcionamento existe, indiscutivelmente. Isso em nada vem prejudicar a atenção que deve ser dada ao problema do analfabetismo. Indubitavelmente, têm sido feitas várias explorações demagógicas em torno desse problema das Universidades, contrapondo-o ao da luta contra o analfabetismo.

O Sr. Gabriel Migliori — Embora tenha usado a tribuna para debater o tema, evidentemente não quis me alçar a esse problema que V. Exa. ventila: a diversidade, ou melhor, o número maior de Universidades numa mesma cidade, como é o caso que V. Exa., citou, da Universidade Católica, da do Governo

e da Protesta-
lidade maior,
orientação fi-
universitário.
patível com a
que se forme
testante, para
fica siga os
pessoas que,
modo de vida
giões. Assim,
procura ter o
tro de um es-
e moral cristã
será compatív
própria Unive
a meu ver, a
dade de Unive
dade, não se p
e tem sempre
sófica. Isto é
mente em pa
possível.

O SR. PRE-
de acôrdo com
breves.

O Sr. Gabr-
minar. Penso
isso nunca seri
triz é dada pel
de tôdas as aç
maneira de pe

O SR. MA-
Devo dizer q
mente com o
Migliori. Sem
darem Univers
testantes, se rel
propagar uma
um determinad
sófico. Se exan
ciada Universic
que ela terá na
kenzie, que vis
e não começou
De modo que n
ramente com o
que concorde e

O Sr. Gabrie-
disse que era]

e da Protestante. Na realidade, a finalidade maior de uma Universidade é dar orientação filosófica ou criar espírito universitário. De maneira que é compatível com as instituições protestantes, que se forme uma Universidade Protestante, para que a orientação filosófica siga os princípios adotados pelas pessoas que, evidentemente, têm um modo de vida compatível com essas religiões. Assim, a Universidade Católica procura ter o seu desenvolvimento dentro de um espírito cristão, de filosofia e moral cristã. Enfim, toda a sua moral será compatível com a finalidade da própria Universidade. De maneira que, a meu ver, a duplicidade, a multiplicidade de Universidades numa mesma cidade, não se prende ao aspecto material e tem sempre em vista a orientação filosófica. Isto é muito importante e somente em países democráticos isso é possível.

O SR. PRESIDENTE — Os apartes, de acôrdo com o Regimento, devem ser breves.

O Sr. Gabriel Migliori — Vou terminar. Penso que, num país totalitário, isso nunca seria possível, porque a diretriz é dada pelo Estado, padrão supremo de todas as ações e, quem sabe, até da maneira de pensar de seus súditos.

O SR. MARIO SCHENBERG — Devo dizer que não concordo inteiramente com o nobre Deputado Gabriel Migliori. Sem dúvida, a idéia de se fundarem Universidades Católicas ou Protestantes, se relaciona com a intenção de propagar uma determinada ideologia, um determinado credo religioso ou filosófico. Se examinarmos o caso da anunciada Universidade Protestante, veremos que ela terá nascido com a Escola Mackenzie, que visou a um objetivo técnico e não começou com objetivo ideológico. De modo que não posso concordar inteiramente com o nobre Deputado, se bem que concorde em parte.

O Sr. Gabriel Migliori — De início, disse que era problema que não havia

discutido, mas, como V. Exa. desviou o assunto para esse plano, daí o me manifestar a respeito. Positivamente, temos que admitir que uma Universidade Católica há-de querer ter um espírito universitário, que se oponha a qualquer outra Universidade, cujo espírito tenda para o materialismo.

O SR. MARIO SCHENBERG — Suponho que seja assim. A Universidade Católica deve, evidentemente, ter qualquer relação com o catolicismo, ou não se justificaria a sua denominação. Mas, a bem da verdade, devo dizer que, apesar de não ser católico e de ser materialista, pude, em várias ocasiões, trabalhar na Universidade Católica, nos Estados Unidos, em Washington, porque nem todas as suas atividades tinham relação com o credo católico. Particpei de vários seminários de física, que nenhuma relação tinham com o catolicismo.

O Sr. Gabriel Migliori — Democracia do catolicismo.

O SR. MARIO SCHENBERG — Aliás, não pretendo discutir o problema das Universidades Confessionais. Quero apenas dizer que há, realmente, na cidade de São Paulo, condições para o funcionamento de várias Universidades.

O Sr. Gabriel Migliori — É um fato.

O SR. MARIO SCHENBERG — Portanto, indiscutível. Passarei a examinar outro problema importante. Infelizmente, houve uma certa falta de flexibilidade no desenvolvimento das nossas Universidades. Nesse ponto, o Estado de São Paulo também poderia oferecer uma contribuição para o aperfeiçoamento das Universidades brasileiras, dando maior flexibilidade à orientação seguida até agora.

Entre nós, as escolas técnicas, como as de Engenharia, sempre fizeram parte da Universidade. Esse ponto de vista não é, em geral, adotado nos países mais adiantados do mundo. As escolas de Engenharia só fazem parte das Universida-

des excepcionalmente. Em geral, são escolas independentes. Isso porque o instituto essencial da Universidade corresponde ao que se chama, no Brasil, de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O estudo das ciências, das letras e da filosofia, é o objetivo primordial das Universidades. Algumas Universidades, de formação mais antiga, costumam ter uma Faculdade de Teologia.

Em muitos casos, a Faculdade de Direito faz também parte da Universidade, mas não é comum que as Escolas de Engenharia façam parte da Universidade. Poder-se-ia dizer que as Universidades sem escolas técnicas são um grande luxo, pois se dedicam apenas ao estudo de ciências puras e de artes. Veremos já que tal não acontece.

Em Roma, por exemplo, os estudantes fazem os seus cursos de ciências puras na Universidade, sendo os cursos universitários de ciências puras aproveitados pelas escolas técnicas. Essa organização dos cursos é adotada em muitos países, não o sendo, porém, nas nossas Universidades, com graves prejuízos para o ensino e pesquisa científica.

Os alunos da Escola Politécnica seguem os seus cursos de matemática e de física naquela escola, quando êsses cursos deveriam ser feitos nos Institutos de Matemática e de Física da Universidade. Assim também, os alunos da Faculdade de Medicina deveriam ter o seu curso de biologia no Instituto de Biologia, da Universidade. Realmente, há uma série de dispositivos muito rígidos, em nossa organização universitária. Deveríamos aproveitar a oportunidade de legislar sobre as Universidades do Interior, a fim de corrigir êsses erros, um dos quais é o exclusivismo, que existe em muitas escolas. Por que o *curriculum* de uma escola inclui um determinado curso, acha-se que seria uma *capitis diminutio*, ser êsse curso dado na Faculdade de Ciências ou na de Letras, em vez de ser dado na própria escola.

Nos países mais adiantados, o número de Universidades é muito elevado. Para citar um exemplo, vou indicar dados relativos aos Estados Unidos. Nos Es-

tados Unidos já tinham sido criadas 11 Universidades antes da revolução, isto é, no período colonial; de 1776 a 1780, foram criadas mais 12 Universidades; de 1800 a 1830, 33 Universidades; de 1830 a 1865, mais 180 Universidades; de 1865 a 1889, 250 Universidades e de 1900 a 1925, outras 90 Universidades.

Citei apenas um exemplo. É certo que os Estados Unidos são um país muito rico e podem manter Universidades em número maior que outros países mais pobres.

Não tenho aqui dados sobre a União Soviética, mas posso assegurar que, no período posterior à revolução russa, foram criadas centenas de institutos de ensino superior.

Realmente, há necessidade de grande número de institutos, para a formação de técnicos e a pesquisa.

Queria indicar, também, a vantagem das Universidades para o desenvolvimento do ensino técnico num grau intermediário, não apenas no grau superior.

Seria de desejar a criação desse instituto de ensino técnico médio, para a formação de mecânicos e outros especialistas, em cidade onde já houvesse Universidade. Seria muito interessante que êsses institutos funcionassem anexos às escolas de engenharia, escolas de agronomia ou escolas análogas, de modo que, com isso, se atenderia ao problema da formação de técnicos, que é um dos problemas mais prementes de nossa indústria e da nossa agricultura.

O Sr. Gabriel Migliori — V. Exa. dá licença para um aparte? Aliás, frisei bem, da tribuna, que o interesse maior da Câmara seria no sentido de se formarem escolas técnico-profissionais para o preparo de intermediários entre o engenheiro e o trabalhador comum. E, ainda na mesma ordem de idéias, que V. Exa. desenvolve, entendo que a maior dificuldade que vamos encontrar, é exatamente a criação de Universidades que admitem apenas, cursos superiores. Ora, se nós pudessemos, pedindo licença à aceção tradicional da palavra, criar Universidades começando pelo alicerce,

e tendo por então parece ríamos ensin a criação do diplomados quer dizer, n la, pelo ens os seus curs o ensino sec fazermos isto meiramente, Universidade curso superi essa tradição tudar a possi rem cursos se que se cria posteriormen

Estou ape minhas pos apoiados), e pouquinho, realidade. er to, uma vez problema qu tando ou nê Mas teremos para maior

O SR. M V. Exa. se r tórico. Quer devo declara — sobre a "Universidac "Universiô "universitas" dia era usad ração, o que versidade no No *studium* das, necessã e todas as a que a Unive mento de er Idade Média dade foi mui se tornou un Em Paris, "colégios", q eios da Uni naram-se, ês estudantes p

e tendo por cúpula o ensino superior, então parece que andaríamos bem. Criaríamos ensino secundário, possibilitando a criação do ensino superior acessível aos diplomados nesse ensino secundário, quer dizer, não começaríamos pela cúpula, pelo ensino universitário em todos os seus cursos, e, sim, começaríamos com o ensino secundário. Entretanto, para fazermos isto, teríamos pela frente, primeiramente, a tradição, que não admite Universidade que não seja, apenas, de curso superior. Teríamos que derrubar essa tradição e, em segundo lugar, estudar a possibilidade material de se criarem cursos secundários, ao mesmo tempo que se criassem cursos superiores ou, posteriormente, cursos superiores.

Estou apenas procurando, diante de minhas possibilidades mínimas (*Não apoiados*), esclarecer e contribuir um pouquinho, porque o problema é, na realidade, empolgante, entusiasmo muito, uma vez que é uma finalidade e um problema que temos de resolver, respeitando ou não a tradição do vocábulo. Mas teremos de resolver êsse problema para maior grandeza de nossa terra.

O SR. MARIO SCHENBERG — V. Exa. se referiu a um argumento histórico. Quero dar um esclarecimento — devo declarar que não sou um latinista — sobre a significação do vocábulo "Universidade".

"Universidade" vem da palavra latina "universitas", que durante a Idade Média era usada com o sentido de Corporação, o que, de fato, designava a Universidade no sentido *studium generale*. No *studium generale* não eram incluídas, necessariamente, tôdas as ciências e tôdas as artes. *Generale* significava que a Universidade era um estabelecimento de ensino aberto a todos. Na Idade Média, a concepção de Universidade foi muito democrática, mas depois se tornou um privilégio de classe.

Em Paris, foram criados os chamados "colégios", que depois se tornaram núcleos da Universidade de Paris. Destinaram-se, êsses colégios, a abrigar os estudantes pobres. O próprio nome Sor-

bonne vem do "Collège de la Sorbonne", fundado, no século XIII, por Robert de la Sorbonne.

A melhor tradição universitária foi sempre auxiliar os estudantes pobres, dando-lhes bôlsas de estudo, coisa que, aqui no Brasil, não aconteceu. Dêsse ponto de vista, nossa tradição é reacionária. Não houve preocupação em se fazer com que as Universidades fôsem casas abertas para todo o povo, mas, ao contrário, foram elas transformadas em escolas de doutores, reservadas às classes dominantes. O progresso da nossa democracia exige, imperiosamente, que lutemos para que elas percam o caráter odioso de privilégio de classe, e se tornem acessíveis a estudantes de tôdas as origens, inclusive aos filhos dos camponeses, que não tiveram, até agora, em nosso país, possibilidades de estudar.

Durante todo o tempo que transitei por Universidades brasileiras — e fui estudante de várias universidades — não me lembro de ter tido, em nenhuma delas, colegas de origem operária ou camponesa. Mesmo os mais pobres provinham dos setores menos abastados da pequena burguesia. Quanto a operários e camponeses, não encontrei nenhum. Fui encontrá-los fora do Brasil. Aqui não os há.

Chegou exatamente o momento de lutarmos contra tal injustiça, que pode ser atenuada com a concessão ampla de bôlsas. Para êsse fim, a fundação de Universidades no Interior poderá dar uma grande contribuição.

Para não me alongar mais, pois poderia aduzir mais alguns argumentos, vou ficar por aqui mesmo. (*Muito bem!*) (*Palmas*)

O SR. MIGUEL PETRILLI — Sr. Presidente, Srs. Deputados.

Em defesa do projeto de lei que apresentei e que agora é objeto de segunda discussão, que venho ocupar a atenção desta Casa, e adotando o mesmo sistema do ilustre colega Rubens do Amaral, peço aos nobres Deputados licença para não conceder apartes.

O SR. MARIO SCHENBERG - Snr. Presidente, senhores deputados.

Em nome da minha bancada venho trazer nossa contribuição para a discussão do problema das Universidades. Nós somos favoráveis à criação de Universidades em cidades do Interior, mas quer nos parecer que alguns elementos essenciais do problema não foram devidamente focalizados.

É certo que as Universidades, de um modo geral, visam principalmente, formar especialistas em várias profissões. Mas, além disso, há aspectos muito importantes que não foram focalizados até agora. Os Institutos de Ensino Superior são também centros de estudos. Se examinarmos as maiores Universidades do mundo, sobretudo as dos grandes países, veremos que quanto mais importante for a Universidade, maior será o número relativo de professores. Em muitas delas o número de professores é quase igual ao dos alunos. É certo que à primeira vista, poderia parecer que não há razão para isso mas, realmente, trata-se de uma coisa muito importante e bem justificada, como passaremos a demonstrar. Os professores, além das funções didáticas, são também especialistas que devem realizar estudos e pesquisas nos vários ramos do conhecimento humano.

O fato de haver várias Universidades representa, sem dúvida, uma forma de contribuir para o desenvolvimento dos estudos. Esse é o ponto de vista que prevalece nas grandes Universidades dos países mais adiantados do mundo. Procura-se manter o maior número possível de professores, não tanto por necessidade de ensino, mas, exatamente, para subvencionar um grande número de pesquisadores e de estudiosos, nos vários ramos das ciências, da filosofia e das artes. A formação de Universidades no Interior atenderá às necessidades dos alunos. Essas necessidades existem ...

(segue Badin).

3º - BADIM (A)

(Cont.do Sr. Mario Schenberg)

Essas necessidades existem e foram reconhecidas por todos os nobres colegas que se referiram ao assunto. Há muitos estudantes de São Paulo que precisam de ir a outros Estados, porque aqui não encontram vagas o que se observa, particularmente, na Escola Politécnica. O mesmo acontece, também, com outras escolas. De modo que o problema dos alunos é muito importante. Mas, além dêsse, há o problema de favorecer a pesquisa científica, que exige um grande número de Universidades, com professores que a ela se dediquem.

Esse é um dos aspectos que não foram abordados pelos vários nobres oradores que se ocuparam da questão das Universidades no interior e que é, sem dúvida, da maior importância. Não podemos, de maneira alguma, subestimar a importância da pesquisa científica nos dias que correm.

Portanto, a criação de Universidades no interior servirá para atender em parte a essa necessidade dos estudos, contribuindo para a criação de lugares para os pesquisadores científicos. A situação da União Soviética é excepcional sob esse ponto de vista. Na União Soviética, existe uma Academia Nacional de Ciências que planeja toda a pesquisa científica, aliás, entrozada com o plano geral de produção, o plano quinquenal. Essa Academia mantém equipes numerosas de cientistas que se dedicam a pesquisas, sem terem, necessariamente, encargos de ensino. Essa é porém uma situação especial que só encontramos na União Soviética, onde se torna possível em virtude da planificação socialista. Nos países capitalistas em geral, tal não acontece. Nesses países a pesquisa científica é feita por professores universitários ou por, técnicos que trabalham nos laboratórios mantidos pelas grandes empresas. Aqui no Brasil, as grandes empresas não mantêm laboratórios, de modo que todo...

(segue Erasmo).

3ª Erasmo (H)
Rom.

(cont. do sr. Mário Schenberg)

... de modo que todo o peso da pesquisa científica, toda a responsabilidade pelos estudos especializados, recae, em última análise, sobre os professores universitários. É um aspecto extraordinariamente importante do problema que não pode deixar de ser levado em conta.

Há outro problema igualmente importante e que também não tem sido considerado em nosso país: o auxílio do Estado aos estudantes pobres, por meio de bolsas. Aliás, o nobre Deputado Gabriel Migliori acaba de se referir a esse problema. Quero, no entanto, examiná-lo com maior detalhe e citar alguns exemplos de outros países.

A manutenção dos estudantes pobres por meio de bolsas, seria facilitada com a criação de Universidades em cidades pequenas. Sei que se formos levar em consideração que a maioria dos estudantes têm que trabalhar para ganhar a vida, sem dúvida alguma concluiremos que os grandes centros, como São Paulo, são os preferíveis para a localização de estabelecimentos de ensino superior, porque os estudantes têm maiores probabilidades para conseguir empregos em São Paulo do que numa cidade do interior do Estado. Mas, já é tempo do Estado intensificar a concessão de bolsas aos estudantes pobres. Essas bolsas não devem ser concedidas esporadicamente, como se faz agora. Segundo o ponto de vista da bancada comunista, elas devem ser concedidas no maior número possível, às centenas e até aos milhares, para que os estudantes das classes menos favorecidas, os estudantes de origem camponesa ou proletária, possam ingressar nas nossas Universidades.

3º Erasmo (M)
Rom.

4

Se considerarmos a tentamente o problema da concessão de bolsas, veremos logo que há grande vantagem na criação de Universidades no Interior, onde o custo de vida é sensivelmente mais baixo do que na Capital. Isto facilitaria em muito a tarefa do governo. Os estudantes subvencionados por bolsas, poderiam ser encaminhados para as Universidades do Interior, onde, talvez, pudessem viver com a metade do que precisariam numa cidade como São Paulo.

É esse outro aspecto importante e que exige, realmente, a criação ~~de~~ de Universidades no Interior. Quero, e aliás, recordar, que nos países anglo-saxônicos, é uma tradição multi-se-
cular a fundação de Universidades em cidades pequenas. Os exemplos são inúmeros. Quero citar apenas o caso de Princeton. Princeton foi até há pouco uma cidade puramente universitária. Ultimamente, em virtude da presença de um grande número de cientistas, é que algumas indústrias decidiram instalar seus laboratórios em Princeton. Mas, inicialmente...

(segue Mariano)

Princeton vivia em função da sua universidade, que tem por objetivo, conceder bolsas a todos os seus alunos. Na época em que lá estive, esse objetivo ainda não fôra alcançado,. Recorde porém que cãrca da metade dos alunos da Universidade já recebia bolsas. Isso pôde ser feito aqui. O Estado de S. Paulo, que tem tomado tantas iniciativas para o progresso do Brasil, deveria também criar Faculdades em que a maioria dos alunos fôsse subvencionada com bolsas. Instituições como essas já existem em países latinos, na Itália e em outros países. Conheci muito bem a Escola Normal Superior de Pisa, na Itália, onde todos os alunos eram bolsistas. O Estado de S. Paulo também poderia ter Escolas Superiores, onde os estudantes já ingressariam com bolsas. Seria uma iniciativa nitidamente democrática, que evitaria que a cultura continuasse um privilégio de classe, como tem sido, infelizmente, no Brasil. Os estudantes que não são de origem abastada, lutam com enormes dificuldades. Grande parte dos estudantes paulistas que se matriculam em Faculdades de outros Estados, o fizeram para se beneficiar da tolerância em relação à frequência. ² do conhecimento de todos que muitas dessas escolas não exigem frequência de seus alunos. Os estudantes paulistas nelas inscritas são assim forçados ao auto-didatismo, e só vão ao Rio de Janeiro, à Niterói, e à outras cidades na época dos exames, com graves prejuízos para a sua formação profissional. Situação tão danosa poderia ser sanada com a criação de Universidades no interior e a concessão de grande número de bolsas, pelo governo e por

particulares.

Quero observar que esse plano nada tem de utópico.

Suponhamos, por exemplo, que numa Universidade do interior houvesse mil estudantes, cada um recebendo uma bolsa de quinhentos cruzeiros por mês. Isso representaria uma despesa mensal de quinhentos mil cruzeiros para o Estado, ou seja, seis milhões de cruzeiros por ano, uma despesa ...

(Segue Heladio)

(Cont. do sr. Mário Schenberg)

... uma despesa nada exorbitante e que permitiria a mil estudantes pobres se dedicarem ao estudo superior, com grande eficiência.

Esse é o segundo aspecto benéfico da criação das Universidades no Interior.

Há um terceiro aspecto que parece não ter sido devidamente considerado pelos oradores que ocuparam a tribuna. É o próprio conceito de Universidade.

Aparentemente muitos dos senhores deputados pensam que quando se fala em Universidade dá-se em vista uma Universidade com o número de escolas que possui a nossa Universidade de São Paulo. Não se justifica tal opinião. ~~Uma~~ Uma Universidade não precisa ter todas as escolas que existem na Universidade de São Paulo. Basta recordar que no Brasil, nenhuma Universidade é tão completa como a nossa Universidade de São Paulo, a maior da América da Latina.

Aliás, o número de institutos é extremamente variável. Há algumas como a célebre Universidade de Paris - a Sorbonne - que tem cerca de 40 escolas. Mas, talvez, nenhuma outra Universidade do mundo tenha tantas escolas como a de Paris. Há Universidades com poucas escolas.

Não se deve entender que, criada uma Universidade no Interior, deva ela ter o mesmo número de escolas que a Universidade de São Paulo.

Quero fazer algumas considerações sobre as Universidades de outros países, para mostrar como elas cresceram. Farei, de início, algumas considerações históricas sobre a origem das Universidades.

A primeira Universidade, de tipo moderno, se desenvolveu em Salerno, na Itália, no século XII. Essa Universidade começou com uma Faculdade de Medicina. Como é sabido ...

(Cont. do sr. Mário Schenberg)

Como é sabido, Salerno foi o centro inicial do estudo de medicina na Idade Média.

Há Universidades que se desenvolveram a partir de faculdades de medicina. Outras, como a clássica Universidade de Bolonha, que data do século XII, formaram-se em torno de faculdades de lei, isto é, de faculdades de Direito. A tradicional Universidade de Paris, também fundada no século XII, parece ter se constituído em torno duma escola de teologia, pois, funcionava na ilha da Cité; ligada à Catedral de Notre Dame.

Poderia citar vários outros exemplos de Universidades que começaram com uma ou poucas escolas. Mesmo aqui no Brasil, sabemos que as Universidades começaram com determinadas faculdades. Em São Paulo, o núcleo originário foi a Faculdade de Direito; o mesmo se deu em Recife. No Rio de Janeiro, - se não me falha a memória - a Universidade começou com a Escola Politécnica e a Faculdade de Medicina.

De modo que não há razão alguma para se exigir que as Universidades do Interior, para sua instalação, já tenham vinte ou trinta institutos. Pode-se começar com uma única escola e, paulatinamente, criar outras.

O Governo do Estado apresentará um plano para a instalação e o desenvolvimento das Universidades, e esta Casa, posteriormente, poderá legislar sobre o assunto, estudando no caso de cada Universidade, quais seriam as melhores escolas iniciais. Assim poderemos atender às deficiên-- (segue folha 9).

cias da Universidade de São Paulo e ~~em~~ também às conveniências das localidades em que forem instaladas Universidades. Para ~~ix~~ ~~se~~ começar poderemos instalar uma Faculdade de Agronomia numa ~~cidade~~ cidade ou uma escola de Engenharia, noutra.

De modo que o problema poderá ser tratado com os recursos de que o Estado dispõe, porque não se trata, logo de início, de instalar uma Universidade com as proporções da Universidade de São Paulo.

Outro argumento que tem surgido é o de que o Estado já mantém a Universidade de São Paulo. Esse argumento, a meu ver, não tem, absolutamente, valor algum. Quero citar alguns fatos que mostram a insuficiência da Universidade ~~da~~ mantida pelo Estado na Capital. Temos aqui a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e também a Escola Paulista de Medicina; temos a Escola de Engenharia do Mackenzie, além da Escola Politécnica; ...

...

4

Temos uma Universidade Católica em pleno desenvolvimento. Aliás, consta que, em torno do Mackenzie, formar-se-á uma Universidade Protestante. Aqui, nesta cidade de São Paulo, haverá, dentro de período relativamente curto, três Universidades em funcionamento.

O Sr. Ulysses Guimarães - Lembraria a V. Excia. a Universidade Popular, também existente em São Paulo, e com magníficos resultados.

O Sr. Mário Schenberg - Agradeço o aparte de V. Excia. Realmente, há também a Universidade Popular. Portanto, a oportunidade para o seu funcionamento existe, indiscutivelmente. Isso em nada vem prejudicar a detenção que deve ser dada ao problema do analfabetismo. Indubitavelmente, têm sido feitas várias explorações demagógicas em torno desse problema das Universidades, contrapondo-o ao da luta contra o analfabetismo.

O Sr. Gabriel Migliori - Embora tenha usado a tribuna para debater o tema, evidentemente não quis me alçar a esse problema que V. Excia. ventila: a diversidade, ou melhor, o número maior de Universidades numa mesma cidade, como é o caso que V. Excia. citou, a Universidade Católica, a do Governo e a Protestante não se prende ao aspecto material. Na realidade, a finalidade maior de uma Universidade é dar uma orientação filosófica ou criar o espírito universitário. De maneira que é compatível com as instituições protestantes que se forme uma Universidade Protestante para que a orientação filosófica

4
siga os princípios adotados pelas pessoas que, evidentemente, têm um modo de vida compatível com essas religiões. Assim, a Universidade Católica procura ter o seu desenvolvimento dentro de um espírito cristão, de filosofia e moral cristã, enfim, toda a sua moral compatível com a finalidade da própria Universidade. De maneira que, a meu ver, a duplicidade, a multiplicidade de Universidades numa mesma cidade não se prende ao aspecto material, e, tem sempre em vista a orientação filosófica. Isto é muito importante, e, somente em países democráticos isso é possível.

O SR.PRESIDENTE - Os apartes, de acôrdo com o Regimento, devem ser breves.

O Sr.Gabriel Migliori - Vou terminar. Penso que num país totalitário, isso nunca seria possível porque a diretriz é dada pelo Estado, patrão supremo de tôdas as ações, e, quem sabe, até da maneira de pensar de seus súditos.

O Sr.Mário Schenberg - Devo dizer que não concordo inteiramente com o nobre deputado Migliori. Sem dúvida, a idéia de se fundar Universidades Católicas ou Protestantes se relaciona com a intenção de propagar uma determinada ideologia, um determinado credo religioso ou filosófico. Se examinarmos o caso da anunciada Universidade Protestante, veremos que ela terá nascido com a Escola Mackenzie, que visou um objetivo técnico e não começou com objetivo ideológico. De modo que não posso concordar inteiramente com o nobre deputado, se bem que concorde em parte.

O Sr.Gabriel Migliori - De início disse que era problema que não havia abordado, mas, como V.Excia. deriva o assunto para esse plano, daí o me manifestar a respeito. Positivamente, temos que admitir que uma Universidade Católica há de querer ter um espírito universitário que se oponha a qualquer outra Universidade, cujo espírito tenda para o materialismo.

O Sr.Mário Schenberg - Suponho que seja assim. A Universidade Católica deve, evidentemente, ter qualquer relação com o catolicismo, ou não se justificaria a sua denominação. Mas, a bem da verdade, devo dizer que, apesar de não ser católico

e de ser materialista pude, em várias ocasiões, trabalhar na Universidade Católica nos Estados Unidos, em Washington, porque nem todas as suas atividades tinham relação com o credo católico. Participei de vários Seminários de Física, que nenhuma relação tinham com o catolicismo.

O Sr. Gabriel Migliori - Democracia do Catolicismo.

O Sr. Mário Schemberg - Aliás, não pretendo discutir o problema das Universidade Confessionais. Quero apenas dizer que há realmente, na cidade de São Paulo, condições para o funcionamento de várias Universidades.

O Sr. Gabriel Migliori - É um fato.

O Sr. Mário Schemberg - Portanto, indiscutível. Passarei a examinar outro, problema importante. Infelizmente houve uma certa falta de flexibilidade no desenvolvimento das nossas Universidades. Nesse ponto, o Estado de São Paulo, também poderia oferecer uma contribuição para o aperfeiçoamento das Universidades brasileiras, dando maior flexibilidade à orientação e guia até agora, entre nós...

entre nós as escolas técnicas, como as de Engenharia, sempre fizeram parte da Universidade. Esse ponto de vista, em geral não é adotado nos países mais adiantados do mundo. As escolas de Engenharia só fazem parte das Universidades excepcionalmente são escolas independentes. Isso porque o Instituto essencial da Universidade contém as partes em geral, ao que se chama, no Brasil, de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O estudo das ciências, das letras e da filosofia é o objetivo primordial das Universidades. Algumas Universidades, de formação mais antiga, costumam ter uma faculdade de teologia. E em muitos casos, a Faculdade de Direito faz também, parte da Universidade, o mas não é comum que as universidades de engenharia façam parte da Universidade. Poder-se-ia dizer que as Universidades sem Escolas Técnicas são um grande luxo, pois, se dedicam apenas ao estudo de ciências puras e de arte. Veremos já que tal não acontece.

Em Roma, por exemplo, os estudantes fazem os seus cursos de ciências puras na Universidade, sendo os cursos universitários de ciências puras aproveitados pelas escolas técnicas. Essa organização dos cursos é adotada em muitos países não o sendo nas nossas Universidades, com graves prejuízos para o ensino e a pesquisa científica.

Os alunos da Escola Politécnica, seguem os seus cursos de matemática e de física naquela escola, quando esses cursos

deveriam ser feitos nos Institutos de Matemática, e de Física da Universidade. Assim, também, os alunos da Faculdade de Medicina, deveriam ter o seu curso de biologia, no Instituto de Biologia da Universidade. Realmente, ha uma serie de dispositivos muito rígidos, em nossa organização universitária: Deveríamos aproveitar a oportunidade de legislar sobre as Universidades do interior, afim de corrigir esses erros, um dos quais é o exclusivismo que existe em muitas escolas. Por que o curriculum de uma escola include um determinado curso, acha-se que seria uma "espitis diminutio" ser esse curso dado na Faculdade de Ciências ou na de Letras, em vez de ser dado na própria escola.

Nos países mais adiantados, o número de universidades é muito elevado. Para citar um exemplo, vou indicar dados relativos aos Estados Unidos. Nos Estados Unidos já tinham sido criadas 11 universidades antes de revolução, isto é, no período colonial; de 1776 a 1780, foram criadas mais 12 universidades; de 1800 a 1830 33 universidades; de 1830 a 1865 mais 180 universidades; de 1865 a 1889, 250 universidades e de 1900 a 1925 outras 90 universidades.

Citei apenas um exemplo. É certo que os Estados Unidos são um país muito rico e podem manter universidades em número maior que outros países mais pobres.

Não tenho aqui dados sobre a União Soviética, mas posso assegurar que no período posterior à revolução russa, foram criados centenas de institutos de ensino superior. Realmente há necessidade de grande número de institutos para a formação de técnicos e a pesquisa.

Queria indicar, também, a vantagem das universidades para o desenvolvimento do ensino técnico ~~em~~ num grau intermediário; não apenas no grau superior.

Seria de desejar a criação de institutos de ensino técnico médio para a formação de mecânicos e outros especialistas em cidade onde já houvesse universidade. Seria muito interessante que esses institutos funcionassem anéxos às escolas de engenharia, escolas de agronomia ou escolas análogas, de modo que, com isso, se atenderia ao problema da formação de técnicos, que é um dos problemas mais prementes de nossa indústria e da nossa agricultura.

O Sr. Gabriel Migliori -V.Excia. dá licença para um aparte?

Aliás, fraizem frizei bem da tribuna que o interesse maior da Câmara seria no sentido de se formar escolas técnicas-profissionais para o preparo de

intermediários entre o engenheiro e o trabalhador comum. E, ainda na mesma ordem de idéias que V. Excia. desenvolve, entendo que a maior dificuldade que nós vamos encontrar é exatamente na criação de universidades que admitem, apenas, cursos superiores. Ora, se nós pudéssemos - pedindo licença à acepção tradicional da palavra - criar universidades começando pelo alicerce e tendo por cúpula o ensino superior, então, parece que andaríamos bem. Criaríamos ensino secundário e possibilitando a criação de ensino superior acessível aos diplomados nesse ensino secundário, quer dizer, não começaríamos pela cúpula, pelo ensino universitário em todos os seus cursos, e, sim, começaríamos com ensino secundário. Entretanto, para fazermos isto teríamos pela frente, primeiramente, a tradição que não admite universidade que não seja apenas de curso superior. Teríamos que derrubar essa tradição e, em segundo lugar, estudar a possibilidade material de se criarem cursos secundários ao mesmo tempo que se ~~criassem~~ criarem cursos superiores ou, posteriormente, cursos superiores.

Estou apenas procurando, diante de minhas possibilidades mínimas, (não apoiados) esclarecer e contribuir um pouquinho, porque o problema /e/, na realidade, empolgante, entusiasmo muito, uma vez que é uma finalidade é um problema que temos de resolver, respeitando ou não a tradição do vocábulo. Mas teremos de resolver esse problema para maior grandeza de nossa terra.

(Cont.do Sr.Mário Schenberg)

O Sr.Mário Schenberg - V.Excia. se referiu a um argumento histórico. Quero dar um esclarecimento - devo declarar que não sou um latinista - sobre a significação do vocábulo "universidade". "Universidade" vem da palavra latina "universitas" que durante a Idade Média era usada com o sentido de Corporação. O que de fato designava a Universidade no sentido moderno era "studium generale". No "studium generale" não eram incluídas necessariamente tôdas as ciências e tôdas as artes. "Generale" significava que a Universidade era um estabelecimento de ensino aberto a todos. Na Idade Média a concepção de Universidade foi muito democratica mas, depois, se tornou um privilégio de classe. Em Paris foram criados os chamados Colégios que depois tornaram-se núcleos da Universidade de Paris. Destinaram-se êsses colégios a abrigar os estudantes pobres. O próprio nome Sorbonne vem do Collège de la Sorbonne, fundado no século XIII por Robert de la Sorbonne.

A melhor tradição universitária foi sempre auxiliar os estudantes pobres dando-lhes bolsas de estudo, coisa que, aqui no Brasil, não aconteceu. Sob esse ponto de vista nossa tradição é reacionária. Não houve preocupação em se fazer com que as Universidades fossem casas abertas para todo o povo mas, ao contrário, foram elas transformadas em escolas de doutores reservadas às classes dominantes. O progresso da nossa democracia exige imperiosamente que lutemos para que elas percam o caráter odioso de privilégio de classe e se tornem acessíveis a estudantes de todas as origens, inclusive aos filhos dos camponeses que não tiveram até agora, em nosso país, possibilidades de estudar. Durante todo o tempo que transitei ...

... durante todo o tempo que transitei por universidades brasileiras - e fui estudante de várias universidades - não me lembro de ter tido, em nenhuma delas, colegas de origem operária ou camponesa. Mesmo os mais pobres provinham dos setores menos abastados da pequena burguesia. Quanto a operários e camponeses, não encontrei nenhum. Fui encontrá-los fora do Brasil. Aqui não os há.

Chegou exatamente o momento de lutarmos contra tal injustiça que pode ser atenuada com a concessão ampla de bolsas. Para esse fim a fundação de Universidades no interior poderá dar uma grande contribuição.

Para não me alongar mais, pois poderia aduzir mais alguns argumentos, vou ficar por aqui mesmo. (Muito bem! Palmas)

O SR. PRESIDENTE - Tem a palavra o deputado Miguel Petrilli.

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DO DIA 17 DE DEZEMBRO

O SR. MARIO SCHENBERG - Snr. Presidente, senhores deputados.

Em nome da minha bancada venho trazer nossa contribuição para a discussão do problema das Universidades. Nós somos favoráveis à criação de Universidades em cidades do Interior, mas quer nos parecer que alguns elementos essenciais do problema não foram devidamente focalizados.

É certo que as Universidades, de um modo geral, visam principalmente, formar especialistas em várias profissões. Mas, além desse, há aspectos muito importantes que não foram focalizados até agora. Os Institutos de Ensino superior são também centros de estudos. Se examinarmos as maiores Universidades do mundo, sobretudo as dos grandes países, veremos que quanto mais importante fôr a Universidade, maior será o número relativo de professores. Em muitas delas o número de professores é quase igual ao dos alunos. É certo que à primeira vista, poderia parecer que não há razão para isso mas, realmente, trata-se de uma coisa muito importante e bem justificada, como passaremos a demonstrar. Os professores, além das funções didáticas, são também especialistas que devem realizar estudos e pesquisas nos vários ramos do conhecimento humano.

O fato de haver várias Universidades representa, sem dúvida, uma forma de contribuir para o desenvolvimento dos estudos. Esse é o ponto de vista que prevalece nas grandes Universidades dos países mais adiantados do mundo. Procura-se manter o maior número possível de professores, não tanto por necessidade de ensino, mas, exatamente, para subvencionar um grande número de pesquisadores e de estudiosos, nos vários ramos das ciências, da filosofia e das artes. A formação de Universidades no Interior atenderá às necessidades dos alunos. Essas necessidades existem ...

(segue Badin).

3º - BADIM (A)

(Cont.do Sr. Mario Schenberg)

Essas necessidades existem e foram reconhecidas por todos os nobres colegas que se referiram ao assunto. Há muitos estudantes de São Paulo que precisam de ir a outros Estados, porque aqui não encontram vagas o que se observa, particularmente, na Escola Politécnica. O mesmo acontece, também, com outras escolas. De modo que o problema dos alunos é muito importante. Mas, além dêsse, há o problema de favorecer a pesquisa científica, que exige um grande número de Universidades, com professores que a ela se dediquem.

Esse é um dos aspectos que não foram abordados pelos vários nobres oradores que se ocuparam da questão das Universidades no interior e que é, sem dúvida, da maior importância. Não podemos, de maneira alguma, subestimar a importância da pesquisa científica nos dias que correm.

Portanto, a criação de Universidades no interior servirá para atender em parte a essa necessidade dos estudos, contribuindo para a criação de lugares para os pesquisadores científicos. A situação da União Soviética é excepcional sob êsse ponto de vista. Na União Soviética, existe uma Academia Nacional de Ciências que planeja tôda a pesquisa científica, aliás, entrozada com o plano geral de produção, o plano quinquenal. Essa Academia mantém equipes numerosas de cientistas que se dedicam a pesquisas, sem terem, necessariamente, encargos de ensino. Essa é porém uma situação especial que só encontramos na União Soviética, onde se torna possível em virtude da planificação socialista. Nos países capitalistas em geral, tal não acontece. Nesses países a pesquisa científica é feita por professores universitários ou por, técnicos que trabalham nos laboratórios mantidos pelas grandes emprêsas. Aquí no Brasil, as grandes emprêsas não mantêm laboratórios, de modo que todo...

(segue Erasmo).

3º Erasmo (H)
Rom.

(cont. do sr. Mário Schenberg)

... de modo que todo o peso da pesquisa científica, toda a responsabilidade pelos estudos especializados, recae, em última análise, sobre os professores universitários. É um aspêto extraordinariamente importante do problema que não pode deixar de ser levado em conta.

Há outro problema igualmente importante e que também não tem sido considerado em nosso país: o auxílio do Estado aos estudantes pobres, por meio de bolsas. Aliás, o nobre Deputado Gabriel Migliori acaba de se referir a êsse problema. Quero, no entanto, examiná-lo com maior detalhe e citar alguns exemplos de outros países.

A manutenção dos estudantes pobres por meio de bolsas, seria facilitada com a criação de Universidades em cidades pequenas. Sei que se formos levar em consideração que a maioria dos estudantes têm que trabalhar para ganhar a vida, sem dúvida alguma concluiremos que os grandes centros, como São Paulo, são os preferíveis para a localização de estabelecimentos de ensino superior, porque os estudantes têm maiores probabilidades para conseguir empregos em São Paulo do que numa cidade do interior do Estado. Mas, já é tempo do Estado intensificar a concessão de bolsas aos estudantes pobres. Essas bolsas não devem ser concedidas esporadicamente, como se faz agora. Segundo o ponto de vista da bancada comunista, elas devem ser concedidas no maior número possível, às centenas e até aos milhares, para que os estudantes das classes menos favorecidas, os estudantes de origem camponesa ou proletária, possam ingressar nas nossas Universidades.

3º Erasmo (M)
Rom.

Se considerarmos atentamente o problema da concessão de bolsas, veremos logo que há grande vantagem na criação de Universidades no Interior, onde o custo de vida é sensivelmente mais baixo do que na Capital. Isto facilitaria em muito a tarefa do governo. Os estudantes subvencionados por bolsas, poderiam ser encaminhados para as Universidades do Interior, onde, talvez, pudessem viver com a metade do que precisariam numa cidade como São Paulo.

É esse outro aspecto importante e que exige, realmente, a criação ~~de~~ de Universidades no Interior. Quero, ~~à~~ aliás, recordar, que nos países anglo-saxônicos, é uma tradição multi-se-
cular a fundação de Universidades em cidades pequenas. Os exemplos são inúmeros. Quero citar apenas o caso de Princeton. Princeton foi até há pouco uma cidade puramente universitária. Ultimamente, em virtude da presença de um grande número de cientistas, é que algumas indústrias decidiram instalar seus laboratórios em Princeton. Mas, inicialmente...

(segue Mariano)

Princeton vivia em função da sua universidade, que tem por objetivo, conceder bolsas a todos os seus alunos. Na época em que lá estive, esse objetivo ainda não fôra alcançado,. Recordo porém que cêrca da metade dos alunos da Universidade já recebia bolsas. Isso pôde ser feito aqui. O Estado de S. Paulo, que tem tomado tantas iniciativas para o progresso do Brasil, deveria também criar Faculdades em que a maioria dos alunos fôsse subvencionada com bolsas. Instituições como essas já existem em países latinos, na Itália e em outros países. Conheci muito bem a Escola Normal Superior de Pisa, na Itália, onde todos os alunos eram bolsistas. O Estado de S. Paulo também poderia ter Escolas Superiores, onde os estudantes já ingressariam com bolsas. Seria uma iniciativa nitidamente democrática, que evitaria que a cultura continuasse um privilégio de classe, como tem sido, infelizmente, no Brasil. Os estudantes que não são de origem abastada, lutam com enormes dificuldades. Grande parte dos estudantes paulistas que se matriculam em Faculdades de outros Estados, o fizeram para se beneficiar da tolerância em relação à frequência. ² do conhecimento de todos que muitas dessas escolas não exigem frequência de seus alunos. Os estudantes paulistas nelas inscritas são assim forçados ao auto-didatismo, e só vão ao Rio de Janeiro, à Niterói, e à outras cidades na época dos exames, com graves prejuízos para a sua formação profissional. Situação tão danosa poderia ser sanada com a criação de Universidades no interior e a concessão de grande número de bolsas, pelo governo e por

particulares.

Quero observar que esse plano nada tem de utópico.

Suponhamos, por exemplo, que numa Universidade do interior houvesse mil estudantes, cada um recebendo uma bolsa de quinhentos cruzeiros por mês. Isso representaria uma despesa mensal de quinhentos mil cruzeiros para o Estado, ou seja, seis milhões de cruzeiros por ano, uma despesa ...

(Segue Heladio)

(Cont. do sr. Mário Schenberg)

... uma despesa nada exorbitante e que permitiria a mil estudan-
tes pobres se dedicarem ao estudo superior, com grande eficiên-
cia.

Esse é o segundo aspecto benéfico da criação das Univer-
sidades no Interior.

Há um terceiro aspecto que parece não ter sido devida-
mente considerado pelos oradores que ocuparam a tribuna. É o pró-
prio conceito de Universidade.

Aparentemente muitos dos senhores deputados pensam que
quando se fala em Universidade já se tem em vista uma Universida-
de com o número de escolas que possui a nossa Universidade de São
Paulo. Não se justifica tal opinião. ~~Uma~~ Uma Universidade não
precisa ter todas as escolas que existem na Universidade de São
Paulo. Basta recordar que no Brasil, nenhuma Universidade é tão
completa como a nossa Universidade de São Paulo, a maior da Amé-
rica da Latina.

Aliás, o número de institutos é extremamente variável. Há
algumas como a célebre Universidade de Paris - a Sorbonne - que
tem cerca de 40 escolas. Mas, talvez, nenhuma outra Universidade
do mundo tenha tantas escolas como a de Paris. Há Universidades
com poucas escolas.

Não se deve entender que, criada uma Universidade no Inte-
rior, deva ela ter o mesmo número de escolas que a Universidade de
São Paulo.

Quero fazer algumas considerações sobre as Universidades
de outros países, para mostrar como elas cresceram. Farei, de iní-
cio, algumas considerações históricas sobre a origem das Universi-
dades.

A primeira Universidade, de tipo moderno, se desenvolveu
em Salerno, na Itália, no século XII. Essa Universidade começou
com uma Faculdade de Medicina. Como é sabido ...

(Cont. do sr. Mário Schenberg)

Como é sabido, Salerno foi o centro inicial do estudo de medicina na Idade Média.

Há Universidades que se desenvolveram a partir de faculdades de medicina. Outras, como a clássica Universidade de Bolonha, que data do século XII, formaram-se em torno de faculdades de lei, isto é, de faculdades de Direito. A tradicional Universidade de Paris, também fundada no século XII, parece ter se constituído em torno duma escola de teologia, pois, funcionava na ilha da Cité; ligada à Catedral de Notre Dame.

Poderia citar vários outros exemplos de Universidades que começaram com uma ou poucas escolas. Mesmo aqui no Brasil, sabemos que as Universidades começaram com determinadas faculdades. Em São Paulo, o núcleo originário foi a Faculdade de Direito; o mesmo se deu em Recife. No Rio de Janeiro, - se não me falha a memória - a Universidade começou com a Escola Politécnica e a Faculdade de Medicina.

De modo que não há razão alguma para se exigir que as Universidades do Interior, para sua instalação, já tenham vinte ou trinta institutos. Pode-se começar com uma única escola e, paulatinamente, criar outras.

O Governo do Estado apresentará um plano para a instalação e o desenvolvimento das Universidades, e esta Casa, posteriormente, poderá legislar sobre o assunto, estudando no caso de cada Universidade, quais seriam as melhores escolas iniciais. Assim poderemos atender às deficiên-- (segue folha 9).

cias da Universidade de São Paulo e ~~em~~ também às conveniências das localidades em que forem instaladas Universidades. Para ~~ix~~ ~~em~~ começar poderemos instalar uma Faculdade de Agronomia numa ~~cidade~~ cidade ou uma escola de Engenharia, noutra.

De modo que o problema poderá ser tratado com os recursos de que o Estado dispõe, porque não se trata, logo de início, de instalar uma Universidade com as proporções da Universidade de São Paulo.

Outro argumento que tem surgido é o de que o Estado já mantém a Universidade de São Paulo. Esse argumento, a meu ver, não tem, absolutamente, valor algum. Quero citar alguns fatos que mostram a insuficiência da Universidade ~~da~~ mantida pelo Estado na Capital. Temos aqui a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e também a Escola Paulista de Medicina; temos a Escola de Engenharia do Mackenzie, além da Escola Politécnica; ...

...

Temos uma Universidade Católica em pleno desenvolvimento. Aliás, consta que, em torno do Mackenzie, formar-se-á uma Universidade Protestante. Aqui, nesta cidade de São Paulo, haverá, dentro de período relativamente curto, três Universidades em funcionamento.

O Sr. Ulysses Guimarães - Lembraria a V. Excia. a Universidade Popular, também existente em São Paulo, e com magníficos resultados.

O Sr. Mário Schenberg - Agradeço o aparte de V. Excia. Realmente, há também a Universidade Popular. Portanto, a oportunidade para o seu funcionamento existe, indiscutivelmente. Isso em nada vem prejudicar a atenção que deve ser dada ao problema do analfabetismo. Indubitavelmente, têm sido feitas várias explorações demagógicas em torno desse problema das Universidades, contrapondo-o ao da luta contra o analfabetismo.

O Sr. Gabriel Migliori - Embora tenha usado a tribuna para debater o tema, evidentemente não quis me alçar a esse problema que V. Excia. ventila: a diversidade, ou melhor, o número maior de Universidades numa mesma cidade, como é o caso que V. Excia. citou, a Universidade Católica, a do Governo e a Protestante não se prende ao aspecto material. Na realidade, a finalidade maior de uma Universidade é dar uma orientação filosófica ou criar o espírito universitário. De maneira que é compatível com as instituições protestantes que se forme uma Universidade Protestante para que a orientação filosófica

siga os princípios adotados pelas pessoas que, evidentemente, têm um modo de vida compatível com essas religiões. Assim, a Universidade Católica procura ter o seu desenvolvimento dentro de um espírito cristão, de filosofia e moral cristã, enfim, toda a sua moral compatível com a finalidade da própria Universidade. De maneira que, a meu ver, a duplicidade, a multiplicidade de Universidades numa mesma cidade não se prende ao aspecto material, e, tem sempre em vista a orientação filosófica. Isto é muito importante, e, somente em países democráticos isso é possível.

O SR.PRESIDENTE - Os apartes, de acôrdo com o Regimento, devem ser breves.

O Sr.Gabriel Migliori - Vou terminar. Penso que num país totalitário, isso nunca seria possível porque a diretriz é dada pelo Estado, patrão supremo de tôdas as ações, e, quem sabe, até da maneira de pensar de seus súditos.

O Sr.Mário Schenberg - Devo dizer que não concordo inteiramente com o nobre deputado Migliori. Sem dúvida, a idéia de se fundar Universidades Católicas ou Protestantes se relaciona com a intenção de propagar uma determinada ideologia, um determinado credo religioso ou filosófico. Se examinarmos o caso da anunciada Universidade Protestante, veremos que ela terá nascido com a Escola Mackenzie, que visou um objetivo técnico e não começou com objetivo ideológico. De modo que não posso concordar inteiramente com o nobre deputado, se bem que concorde em parte.

O Sr.Gabriel Migliori - De início disse que era problema que não havia abordado, mas, como V.Excia. deriva o assunto para esse plano, daí o me manifestar a respeito. Positivamente, temos que admitir que uma Universidade Católica há de querer ter um espírito universitário que se oponha a qualquer outra Universidade, cujo espírito tenda para o materialismo.

O Sr.Mário Schenberg - Suponho que seja assim. A Universidade Católica deve, evidentemente, ter qualquer relação com o catolicismo, ou não se justificaria a sua denominação. Mas, a bem da verdade, devo dizer que, apesar de não ser católico

e de ser materialista pude, em várias ocasiões, trabalhar na Universidade Católica nos Estados Unidos, em Washington, porque nem todas as suas atividades tinham relação com o credo católico. Participei de vários Seminários de Física, que nenhuma relação tinham com o catolicismo.

O Sr. Gabriel Migliori - Democracia do Catolicismo.

O Sr. Mário Schemberg - Aliás, não pretendo discutir o problema das Universidades Confessionais. Quero apenas dizer que há realmente, na cidade de São Paulo, condições para o funcionamento de várias Universidades.

O Sr. Gabriel Migliori - É um fato.

O Sr. Mário Schemberg - Portanto, indiscutível. Passarei a examinar outro, problema importantê. Infelizmente houve uma certa falta de flexibilidade no desenvolvimento das nossas Universidades. Nesse ponto, o Estado de São Paulo, também poderia oferecer uma contribuição para o perfeccionamento das Universidades brasileiras, dando maior flexibilidade à orientação e guida até agora, entre nós...

entre nós as escolas técnicas, como as de Engenharia, sempre fizeram parte da Universidade. Esse ponto de vista, em geral não é adotado nos países mais adiantados do mundo. As escolas de Engenharia só fazem parte das Universidades excepcionalmente são escolas independentes. Isso porque o Instituto essencial da Universidade contém em geral, ao que se chama, no Brasil, de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O estudo das ciências, das letras e da filosofia é o objetivo primordial das Universidades. Algumas Universidades, de formação mais antiga, costumam ter uma faculdade de teologia. E em muitos casos, a Faculdade de Direito faz também, parte da Universidade, o mas não é comum que as universidades de engenharia façam parte da Universidade. Poder-se-ia dizer que as Universidades sem escolas Técnicas são um grande luxo, pois, se dedicam apenas ao estudo de ciências puras e de arte. Varemos já que tal não acontece.

Em Roma, por exemplo, os estudantes fazem os seus cursos de ciências puras na Universidade, sendo os cursos universitários de ciências puras aproveitados pelas escolas técnicas. Essa organização dos cursos é adotada em muitos países não o sendo nas nossas Universidades, com graves prejuízos para o ensino e a pesquisa científica.

Os alunos da Escola Politécnica, seguem os seus cursos de matemática e de física naquela escola, quando esses cursos

deveriam ser feitas nos Institutos de Matemática, e de Física da Universidade. Assim, também, os alunos da Faculdade de Medicina, deveriam ter o seu curso de Biologia, no Instituto de Biologia da Universidade. Realmente, ha uma serie de dispositivos muito rígidos, em nossa organização universitária: Deveríamos aproveitar a oportunidade de legislar sobre as Universidades do interior, afim de corrigir esses erros, um dos quais é o exclusivismo que existe em muitas escolas. Por que o curriculum de uma escola include um determinado curso, acha-se que seria uma "capitis diminutio" ser esse curso dado na Faculdade de Ciências ou na de Letras, em vez de ser dado na própria escola.

Nos países mais adiantados, o número de universidades é muito elevado. Para citar um exemplo, vou indicar dados relativos aos Estados Unidos. Nos Estados Unidos já tinham sido criadas 11 universidades antes de revolução, isto é, no período colonial; de 1776 a 1780, foram criadas mais 12 universidades; de 1800 a 1830 33 universidades; de 1830 a 1865 mais 180 universidades; de 1865 a 1889, 250 universidades e de 1900 a 1925 outras 90 universidades.

Citei apenas um exemplo. É certo que os Estados Unidos são um país muito rico e podem manter universidades em número maior que outros países mais pobres.

Não tenho aqui dados sobre a União Soviética, mas posso assegurar que no período posterior à revolução russa, foram criados centenas de institutos de ensino superior. Realmente há necessidade de grande número de institutos para a formação de técnicos e a pesquisa.

Queria indicar, também, a vantagem das universidades para o desenvolvimento do ensino técnico ~~em~~ num grau intermediário; não apenas no grau superior.

Seria de desejar a criação de institutos de ensino técnico médio para a formação de mecânicos e outros especialistas em cidade onde já houvesse universidade. Seria muito interessante que esses institutos funcionassem anéxos às escolas de engenharia, escolas de agronomia ou escolas análogas, de modo que, com isso, se atenderia ao problema da formação de técnicos, que é um dos problemas mais prementes de nossa indústria e da nossa agricultura.

O Sr. Gabriel Migliori -V.Excia. dá licença para um aparte?

Ali's, fraizze frizei bem da tribuna que o interêsse maior da Câmara seria no sentido de se/ formar escolas técnicos-profissionais para o preparo de

intermediários entre o engenheiro e o trabalhador comum. E, ainda na mesma ordem de idéias que V. Excia. desenvolve, entendo que a maior dificuldade que nós vamos encontrar é exatamente na criação de universidades que admitem, apenas, cursos superiores. Ora, se nós pudéssemos - pedindo licença à acepção tradicional da palavra - criar universidades começando pelo alicerce e tendo por cúpula o ensino superior, então, parece que andaríamos bem. Criaríamos ensino secundário e possibilitando a criação de ensino superior acessível aos diplomados nesse ensino secundário, quer dizer, não começaríamos pela cúpula, pelo ensino universitário em todos os seus cursos, e, sim, começaríamos com ensino secundário. Entretanto, para fazermos isto teríamos pela frente, primeiramente, a tradição que não admite universidade que não seja apenas de curso superior. Teríamos que derrubar essa tradição e, em segundo lugar, estudar a possibilidade material de se criarem cursos secundários ao mesmo tempo que se ~~criarem~~ criarem cursos superiores ou, posteriormente, cursos superiores.

Estou apenas procurando, diante de minhas possibilidades mínimas, (não apoiados) esclarecer e contribuir um pouquinho, porque o problema /e/, na realidade, empolgante, entusiasmo muito, uma vez que é uma finalidade é um problema que temos de resolver, respeitando ou não a tradição do vocábulo. Mas teremos de resolver esse problema para maior grandeza de nossa terra.

(Cont.do Sr.Mário Schenberg)

O Sr.Mário Schenberg - V.Excia. se referiu a um argumento histórico. Quero dar um esclarecimento - devo declarar que não sou um latinista - sobre a significação do vocábulo "universidade". "Universidade" vem da palavra latina "universitas" que durante a Idade Média era usada com o sentido de Corporação. O que de fato designava a Universidade no sentido moderno era "studium generale". No "studium generale" não eram incluídas necessariamente tôdas as ciências e tôdas as artes. "Generale" significava que a Universidade era um estabelecimento de ensino aberto a todos. Na Idade Média a concepção de Universidade foi muito democratica mas, depois, se tornou um privilégio de classe. Em Paris foram criados os chamados Colégios que depois tornaram-se núcleos da Universidade de Paris. Destinaram-se êsses colégios a abrigar os estudantes pobres. O próprio nome Sorbonne vem do Collège de la Sorbonne, fundado no século XIII por Robert de la Sorbonne.

A melhor tradição universitária foi sempre auxiliar os estudantes pobres dando-lhes bolsas de estudo, coisa que, aqui no Brasil, não aconteceu. Sob esse ponto de vista nossa tradição é reacionária. Não houve preocupação em se fazer com que as Universidades fossem casas abertas para todo o povo mas, ao contrário, foram elas transformadas em escolas de doutores reservadas às classes dominantes. O progresso da nossa democracia exige imperiosamente que lutemos para que elas percam o caráter odioso de privilégio de classe e se tornem acessíveis a estudantes de tôdas as origens, inclusive aos filhos dos camponeses que não tiveram até agora, em nosso país, possibilidades de estudar. Durante todo o tempo que transitei ...

... durante todo o tempo que transitei por universidades brasileiras - e fui estudante de várias universidades - não me lembro de ter tido, em nenhuma delas, colegas de origem operária ou camponesa. Mesmo os mais pobres provinham dos setores menos abastados da pequena burguesia. Quanto a operários e camponeses, não encontrei nenhum. Fui encontrá-los fora do Brasil. Aqui não os há.

Chegou exatamente o momento de lutarmos contra tal injustiça que pode ser atenuada com a concessão ampla de bolsas. Para esse fim a fundação de Universidades no interior poderá dar uma grande contribuição.

Para não me alongar mais, pois poderia aduzir mais alguns argumentos, vou ficar por aqui mesmo. (Muito bem! Palmas)

O SR. PRESIDENTE - Tem a palavra o deputado Miguel Petrilli.